

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte _____
Data 2/5/2000 Pg. A-9
Class. 108

Produtos de reservas levam selo de origem

Os peixes de Arraial do Cabo (RJ), os crustáceos de Pirajubá (SC) e o babaçu de Ciriaco (MA) agora têm grife. Produtos de reservas extrativistas, eles acabam de ganhar um selo que identifica sua origem, na tentativa de cativar o público europeu. A Cognis — empresa do grupo alemão Henkel que revende essências e óleos para cosméticos — já conseguiu o certificado. Ela deverá ser seguida pela Pirelli, a Nutrimental e outras empresas que negociam com os extrativistas.

O selo, criado pelo Ibama, a agência ambiental federal, pode ser dado para sementes, frutos, látex, óleos, resinas, cipós, peixes, animais silvestres de criação e mel, dentre outros. Mas a exploração desses produtos depende da elaboração de um plano de manejo que garanta a sustentabilidade ambiental do projeto.

Pirelli já compra mensalmente 100 toneladas de borracha com certificado do Ibama dos parques de Tapajós-Arapiuns, em Santarém (PA), e Chico Mendes, em Xapuri (AC)

Regina Scharf, de São Paulo

O Ibama também está exigindo que o intercâmbio comercial seja de longo prazo, para justificar todo o esforço feito.

No caso da Pirelli, 100 toneladas de borracha são compradas mensalmente nas reservas extrativistas Tapajós-Arapiuns, em Santarém (PA), e Chico Mendes, em Xapuri (AC). Vão para Feira de Santana (BA), e estão sendo usadas na produção de pneus para caminhões, que demandam uma porcentagem grande de borracha natural.

O volume não é muito para uma empresa que consome 4,2 mil toneladas mensais de borracha natural. "Poderíamos comprar muito mais,

se houvesse maior capacidade de produção", diz Alfonso Abrami, diretor de Pesquisa e Desenvolvimento da Pirelli. Para ele, a obtenção do certificado do Ibama é até interessante para a imagem institucional das empresas, mas ainda não por razões mercadológicas. "No Brasil, onde esses pneus são vendidos, o mercado com preocupações ambientais ainda é muito incipiente", diz.

A indústria já trabalha com as cooperativas da região há mais de dois

anos, enviando especialistas para treinar mão-de-obra local e melhorar processos de extração e beneficiamento da borracha. "Em pequenos lotes, a qualidade já é tão boa quanto o produto de florestas planejadas. A questão agora é ganhar escala", diz Abrami.

A Florenzano, do Amapá — que exporta para a Europa castanha seca com casca para decoração natalina, vinda de Oriximiná (PA) —, e a paranaense Nutrimental, que compra castanha seca

descascada da Reserva Extrativista Chico Mendes, do Acre, também são candidatas ao certificado. A Cooper-CA, cooperativa da Resex do Rio Cajari (AP), que exporta palmito de açaí sem intermediários, também deverá ser contemplada com o selo brevemente.

"Nós estamos querendo mostrar que é possível adquirir produtos amazônicos legalmente", diz Werner Kornexl, assessor de comercialização do Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Populações Tradicionais (CNPT), ligado ao Ibama. Ele explica que o certificado vai beneficiar também as comunidades extrativistas das re-

dondezas das Resex.

"Sempre compramos da Cooperativa Agrícola de Xapuri e só procuramos outros fornecedores porque a as vendas do Nutri castanha-do-Pará, atualmente líder dentre os nove sabores do produto, cresceram muito", diz Horácio Lodi, gerente de Marketing da Nutrimental.

Dos R\$ 100 milhões que a empresa faturou no ano passado, pouco mais da metade foi com produtos de consumo, sobretudo as barras de cereais Nutri. O produto foi lançado na época da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92), que aconteceu no Rio de Janeiro, com a idéia de aproveitar produtos de reservas extrativistas. No ano passado a Nutrimental interrompeu temporariamente seu comércio com a cooperativa, mas deve retomá-lo agora.

Manejo sustentável

Áreas destinadas à exploração de recursos naturais renováveis

Nome	Área (ha)	População	Principais recursos manejados
Alto Juruá (AC)	506.186	3.600	seringueira
Chico Mendes (AC)	970.570	7.500	castanha, copaiba, seringueira
Rio Cajari (AP)	481.650	3.800	castanha, copaiba, seringueira, açaí
Rio Ouro Preto (RO)	204.583	700	castanha, seringueira, copaiba
Pirajubá (SC)	1.444	600	berbigão, peixes, crustáceos
Ciriaco (MA)	7.050	1.150	babaçu, agricultura de subsistência
Extremo Norte do Tocantins (TO)	9.280	800	babaçu, pescado, agricultura de subsistência
Mata Grande (MA)	10.450	500	babaçu, pescado, agricultura de subsistência
Quilombo do Frexal (MA)	9.542	900	babaçu, pescado, agricultura de subsistência
Arraial do Cabo (RJ)	-	600	pesca
Médio Juruá (AM)	253.226	700	seringueira, pesca
Tapajós Arapiuns (PA)	647.610	16.000	borracha, pesca, óleos e resinas
Totais	3.158.176	36.850	

Fonte: Ibama/CNPT - Projeto Resex

Prioridade nos investimentos

Os bancos que atuam na Amazônia estão fechando com os órgãos que planejam o futuro da região uma lista de áreas prioritárias a serem favorecidas na concessão de crédito. Do esforço, participam a Secretaria de Coordenação da Amazônia (SCA), o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), a Superintendência de Desenvolvimento do Amazonas (Sudam), a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco do Brasil e Banco da Amazônia (Basa).

Batizado como Grupo Executivo para o Desenvolvimento da Amazônia, ele se reúne em Belém, no próximo dia 10, para construir uma carteira de projetos. "O protocolo pretende ajustar as políticas nacionais para a região", diz Mary Alegretti, titular da SCA. "Segue o espírito do Plano Plurianual 2000-2003, só que menos centrado em obras de infra-estrutura". Para a secretária, os produtos da região precisam de investimentos específicos para ganhar competitividade.

(R.S.)